

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades  
4 a 6 de agosto de 2014  
Universidade Federal do Espírito Santo  
GT 04 - Africanidades e Brasilidades no Teatro Experimental do Negro:  
100 anos de Abdias do Nascimento.

## **Um mito grego no Brasil em *Além do rio*, de Agostinho Olavo (1957)**

Hermeson Freitas da Silva<sup>1</sup>

No ano de 1957 foi escrita a peça teatral *Além do rio*, de Agostinho Olavo, para apresentação no Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento. O autor brasileiro resgatou o mito grego de Medeia, a mãe que acaba com a vida dos filhos, na personagem de uma rainha africana, apaixonada por um homem branco, que mescla ritos culturais em terras brasileiras.

### **O Teatro Experimental do Negro (TEN), de Abdias do Nascimento.**

Criado por Abdias do Nascimento, no ano de 1944, o projeto do TEN, o Teatro Experimental do Negro, tinha como objetivo, valorizar o artista negro na cena teatral brasileira que sempre era relegado a papéis secundários, além de realizar “trabalho pela cidadania do ator, por meio da conscientização e também da alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos”. (TEATRO, s.d., *on-line*).

Abdias convocou amigos para que criassem uma dramaturgia que expressasse temas vinculados ao mundo dos afro-descendentes brasileiros. No ano de 1961 foi publicada a obra *Dramas para negros e prólogo para brancos: Antologia de Teatro Negro Brasileiro*, que tinha as seguintes peças teatrais: O

---

<sup>1</sup> Graduando; Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, Redenção-CE; [hermesonfts19@hotmail.com](mailto:hermesonfts19@hotmail.com). Grupo de Pesquisa **Teatro Experimental do Negro**, coordenação da Profa. Dra. Denise Rocha, Instituto de Humanidades e Letras.

*filho pródigo*, de Lúcio Cardoso; *O castigo de Oxalá*, de Romeu Crusoé; *Auto da Noiva*, de Rosário Fusco; *Sortilégio (Mistério Negro)*, de Abdias Nascimento; *Filhos de Santo*, de José Moraes Pinho; *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro; *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues; *O emparedado*, de Tasso da Silveira, e *Além do Rio*, de Agostinho Olavo.

### **O mito Medea.**

*Medea* foi escrita por Eurípedes no ano de 431 a.C., e sua primeira apresentação se deu em Atenas, após outro importante tragediógrafo da época, Neofron, ter apresentado sua versão de Medea. Para Mário da Gama Kury:

A tônica da *Medeia* é o ódio sobre-humano em que se transforma o amor da heroína por Jáson, quando este a repudiou para casar-se com a filha do rei da região que os acolhera. A essa humilhação terrível seguiu-se outra, que precipitou a decisão funesta de Medeia: Creonte, rei de Corinto e pai da nova noiva de Jáson, decretou a expulsão da infeliz Medeia e de seus filhos de seu reino. Medeia era conhecida nas lendas da Antiguidade por seus poderes mágicos extraordinários. Sua terra natal – a Cólquida, de onde Jáson a trouxera –, era famosa pelas aptidões sobrenaturais de seus habitantes, feiticeiros hábeis e conhecedores de todos os segredos da magia. [...] Medeia, humilhada, confiante em seus poderes mágicos resolveu vingar-se de Jáson por todos os meios possíveis e em tudo que pudesse feri-lo (KURY, 1999, p. 13).

O mito grego *Medea*, de Eurípedes, representa a transfiguração do sentimento humano capaz de ir desde um amor inconsequente, até o ódio mortal. Medeia canaliza todo seu amor em ódio por Jáson, um desejo de vingança que lhe fortalece. Dessa forma, ela consegue matar a noiva de Jáson, Creusa, filha do rei de Corinto e assassinar os próprios filhos para punir seu marido, já que sem as crianças, ele não daria continuidade a sua linhagem. (KURY, 1999, p. 15).

**Transposição do mito no Brasil na peça *Além do rio*, de Agostinho Olavo (1957).**

*Além do rio (Medea)* é uma peça teatral dividida em dois atos, que aborda o mito grego de Medea, a mãe assassina, em uma transposição para o Brasil do século XVII, realizada pelo dramaturgo Agostinho Olavo. A obra tem os seguintes personagens principais –Egeu, Medea, Creonte, Creusa e Batista- e outros secundários<sup>2</sup>. Os cenários são uma ilha, habitada por Medea e seus dois filhos pequenos, e a vila de São João, onde vivem os brancos Jasão, Creonte e sua jovem filha Creusa.

Escrita no ano de 1957 e publicada em 1961 no livro *Dramas para negros e prólogos para brancos: Antologia de teatro negro-brasileiro*, de Abdias do Nascimento, o drama de Olavo recria um cenário escravista racial e religioso no Brasil colonial, no último quartel do século XVII.

A personagem Medea, de Agostinho Olavo, é uma rainha africana, Jinga, que traiu seu povo pela paixão por um homem branco, Jasão, comerciante de escravos. Permitiu uma emboscada com membros de sua própria tribo que foram levados no navio negreiro para o Brasil, em condições sub-humanas no porão da embarcação, enquanto que ela, no convés, se divertia com o amante branco. Antes de deixar sua pátria, localizada na costa d'Ouro, ela matou o próprio pai e envenenou o irmão.

Batizada pelos brancos no Brasil, ela recebeu o nome de Medea e, desde então, não mais fez feitiços, pois prometera isso ao companheiro. O poderoso negreiro a instalou em uma ilha e ela teve dois filhos de cabelos loiros.

Aos poucos, Jasão se afastou da amante negra, pois tinha planos de se casar com Creusa, a filha branca de Creonte. Ao saber do futuro matrimônio dele, por boca de Egeu, capitão de navio, que se oferece para levá-la de volta à África, Medea fica furiosa e lança um feitiço mortal para acabar com a vida da jovem noiva. Sufocada por intervenção da rival, Creusa morre. Para terminar de vez com a felicidade de Jasão, a vingativa mulher decide assassinar os próprios filhos, para que o pai não os levasse.

### **Uma mulher africana.**

---

<sup>2</sup> I Lavadeira, II Lavadeira, III Lavadeira, Ama, Vendedor de flores, Vendedor de pássaros, Vendedor de tripas, As Enamoradas (3 escravas dançarinas), Sinhazinha, Filhos de Medea (I Crianças, II Criança), Serafim e Escravos negros de ambos os sexos.

A personagem Medea, de Agostinho Olavo, era uma jovem mulher africana com vestimentas diferentes dos outros negros. Uma rainha com personalidade bastante peculiar julgando-a pelos seus trajés.

[...] Os cabelos esticados e presos por um circulo de ouro, abrem-se no alto da cabeça em volutas desordenadas, formando-lhe estranha coroa natural. Traz ao pescoço um colar em forma de serpente e nos braços e pernas rodilhas de ouro bruto (OLAVO, 1961, p. 203).

Medea sempre ressaltava sua realeza e o sacrifício, realizado pela paixão ao branco, Jasão, através da emboscada matando o próprio pai e irmão:

MEDEA – Sou rainha na costa d'Ouro, nunca ninguém me mandou. Aétes era meu pai, grande chefe de uma tribo que descendia do sol. Suana Mulopo, meu irmão, era o mais moço, o guerreiro mais forte, com cara de luz e sombra, que as virgens de minha terra, noite e dia, disputavam entre si.

[...] Rainha... até o dia em que êle chegou do mar e tornou-se meu senhor. Com as mãos cheias de presentes, cheguei como filha de rei vencida, em visita a outro rei. É o costume da terra. A minha tribo, a minha maior riqueza, dei de presente ao vencedor (OLAVO, 1961, p. 204 e 205).

### **Uma feiticeira temida e odiada por várias pessoas do arraial.**

A maioria das pessoas, que vivia no arraial brasileiro, chamado de Vila de São João, construiu um imaginário do mal em relação à Medea, uma mulher má, traidora, ciumenta e feiticeira que habitava uma ilha. As mulheres brancas que lavavam as roupas no rio perto da casa dela comentavam:

I LAVADEIRA – É lugar mal-assombrado. Ninguém passa mais por lá.

III LAVADEIRA – Pra mim, ela fez macumba.

[...]

I LAVADEIRA – Cuidado! É mulher perigosa.

III LAVADEIRA – Negra suja! Feiticeira! [...] Traiu toda a tribo e nunca se arrependeu.

I LAVADEIRA – Diz que é dona da ilha. Preguiçosa, não faz nada. Vive como as sinhás brancas, com uma mucama a seu lado.

III LAVADEIRA – Não ria tão alto. Se nos ouve, é praga na certa. Conhece tanta mandinga e canjerê!... A gente pode ficar aleijada para sempre. Com essas coisas não se brinca. [...]

I LAVADEIRA – Até os negros que a odeiam têm um medo que se pelam.

III LAVADEIRA – E todos vêm procurá-la para pedir mezinhas e canjerês.

I LAVADEIRA – E a todos ela enxota e diz que foi batizada e prometeu a Jasão nunca mais fazer macumbas nem candomblés (OLAVO, 1961, p. 201, 202 e 206).

Apesar do desprezo, os brancos sempre a requisitavam para a realização de feitiços, como no caso de Egeu, um capitão de navio desesperado, que muito insistia para que Medea o ajudasse através de suas porções mágicas, por causa de seus problemas de infertilidade:

EGEU – Trago-te cravo, noz moscada, flor de canela, âmbar e sedas finas do Zaipan.

MEDEA – Tantos presentes para quê?

EGEU – Para pedir outra vez. Medea, eu te suplico. [...] Nem no Zaipã nem na Índia encontrei quem me ajudasse. Só tu conheces o remédio...

MEDEA – Não posso. Por que insistes? Fui batizada e prometi a Jasão. [...].

EGEU – Dá-me filhos, Medea, como os teus. [...] Pelo filho que te peço, trocarei tudo o que tenho.

MEDEA – Nunca. É a minha promessa a Jasão.

EGEU – Gostas tanto dele assim?

MEDEA (quase consigo mesma) – Por ele trai a raça, deixei mortos pai e irmão. [...]

EGEU – Em troca do filtro que pedi, terás o meu barco que vai partir para terras mais amigas, queres?

MEDEA – Por que partir para longe? Minha pátria é aqui nesta terra de Jasão. Mas por que me dizes isso? E eu por que sinto tanto medo? (OLAVO, 1961, p. 209 e 210).

Medea se nega ajudar Egeu e não entende a sua proposta de partida já que sua pátria é ali ao lado de Jasão, como também não compreende o medo que a atormenta, pois ela ainda não sabia da traição de seu amante. Egeu revoltado com o fato de Medea não o ajudar, decide zombar dela revelando a traição de Jasão: “Todos dançam nos festejos do noivado do homem que te deixou” (OLAVO, 1961, p. 216). Diante da revelação, Medea chora amargamente na ilha.

Entra em cena o personagem Creonte, futuro sogro de Jasão, reafirmando a ideia de maldade contida na personalidade de Medea por suas práticas culturais africanas. Para este capitão-mor, ela diz ter abandonado os feitiços pela

promessa feita a Jasão após ser batizada pelos brancos. Tratava-se de uma renúncia por amor ao seu amante:

CREONTE – És uma negra trazida por um vendedor de escravos poderoso, que te protegeu contra toda a população. Já te esqueceste dos despachos que fizeste, das mandingas e candomblés e tantos males que espalhaste pelo arraial com os teus ciúmes?

MEDEA – Mas depois fui batizada e prometi a Jasão. Nunca mais fiz os trabalhos que os brancos vêm me pedir. (OLAVO, 1961, p. 217).

O capitão Creonte temia pela a vida de sua filha Creusa, noiva de Jasão, e então exigiu a saída de Medea da ilha, pois ele sabia do caráter ciumento e vingativo da antiga rainha africana:

CREONTE – É preciso cruzar o rio. Ir pra bem longe daqui.

MEDEA – Além do rio ficam os brancos. Não há lugar para mim.

CREONTE – É uma ordem, Medea. Jasão vai casar com minha filha e és capaz de quebrar a promessa feita e, com um filtro, uma mandinga qualquer... procurar uma vingança (OLAVO, 1961, p. 217).

*Além do rio*, significava para Medea, um rompimento com suas raízes. Afinal sua prole foi constituída naquela ilha, e ela se sentia quase branca, em seu seio ardia a tristeza do exílio daquele local que tanto amava. Não encontraria terras amigas, os brancos que estavam além do rio, significavam perigo para sua existência enquanto negra.

Medea vivia um conflito interno, negava a sua raça. Prometera ao seu amante abandonar os rituais africanos, porém o som dos tambores de sua raça a chamava:

III LAVADEIRA – Não ouve os tambores? Estão chamando Medea. [...]

II LAVADEIRA – Mas chamando para quê? [...]

III LAVADEIRA – Digo que é mãe de santo e os espíritos só baixam, quando é ela quem canta o ponto. (OLAVO, 1961, p. 203).

Ela se sentia quase branca por conta de seus filhos mestiços, de cabelos claros, porém não negava a sua espiritualidade, baseada nos cultos aos orixás:

MEDEA – [...] Mas por que me chamam assim?

Por que não param de tocar?

AMA – É o tantã de nossa gente. É a nossa raça chamando a sua rainha Jinga.

MEDEA – Não me chame assim! Os brancos me batizaram Medea e eu prometi a Jasão. (OLAVO, 1961, p. 203 e 204).

O batismo realizado pelos brancos causava em Medea um sentimento de pertencimento àquela comunidade, apesar de morar isolada numa ilha ao longo daquele rio.

### **Paixão louca pelo branco.**

Medea tinha uma paixão louca e obsessiva por Jasão, por ele foi capaz de assassinar pai, irmão e trair toda a tribo “monjola” (OLAVO, 1961, p. 205), os negros mais bravos e livres da Costa d’Ouro. Por esse sentimento obsessivo, Medea acabaria com a vida de Creusa:

MEDEA – Branco estúpido! Acreditou no que eu disse! (pausa) A minha cama está fria, pois há dez luas, Jasão não vem. Mas não dormirá na cama de outra mulher. A noiva vai conhecer as mandigas que, um dia ela mesma veio aqui mendigar [...] (OLAVO, 1961, p. 218).

Neste estado de espírito violento, ela encontra Batista, o “servidor de Jasão” (OLAVO, 1961, p. 214) e com ódio no coração e um imenso desejo de vingança, Medea manda Batista levar o colar enfeitiçado para presentear a filha do capitão Creonte: “[...] Vai, Batista, vai levar à bela noiva o presente da negra que está sozinha, não tem destino nem casa, não tem mais filhos nem amor”. Batista, admirado, leva aquele objeto de adorno enfeitiçado, em seguida, conforme as indicações cênicas: “[...] Medea dá uma risada estridente e começa os passos de macumba)” (OLAVO, 1961, p. 219). A partir daquele momento, ela quebra a promessa feita a Jasão, a de não fazer mais feitiços, já que ele a traiu. Então retorna os seus ritos para matar Creusa:

MEDEA:

Anauê... agogô.

Anauê... agogô.

Exu já chegou,  
Exu vai baixar. (OLAVO, 1961, p. 219).

Medea invoca Exu, o qual segundo Pierre Verger, é o orixá mais esperto de todos: “Ele aproveita-se de suas qualidades para provocar mal-entendidos e discussões entre as pessoas ou para preparar-lhes armadilhas” (VERGER, 1997, p. 11).

Todos do arraial vão chegando aos poucos, no meio da praça há um palanque enfeitado com fitas e flores, festejam alegremente o noivado da filha de Creonte, que não consegue conter sua felicidade:

CREUSA (beijando a mão de Creonte, numa reverência carinhosa).

- Meu pai, estou tão contente, que não sei o que dizer. (Correndo para Jasão, que vem chegando) Jasão eu sou tão feliz... Se vosmicê der licença, vou descer ao terreiro para dançar com os escravos que vieram festejar [...] (OLAVO, 1961, p. 221).

Na sequência desta cena, Batista começa a dançar próximo à noiva de Jasão, e em seguida a jovem coloca as mãos na garganta, onde está o colar enfeitado, e morre repentinamente.

### **Vingança terrível.**

Para completar sua vingança, Medea precisava atacar o coração de Jasão. Então decide enviar as crianças para o rio com mentiras, e é dessa maneira que elas morrem. Ela sabia que Jasão os amava e sua continuidade acabara-se ali, naquelas águas, onde a mãe vingativa seduz as crianças com pedidos para que eles fossem “buscar as flores e os carneirinhos”. (OLAVO, 1961, p. 227). Desse modo, os pequenos entram no rio e morrem afogados.

### **Conclusão**

Características de uma sociedade escravista preconceituosa no contexto histórico social do Brasil colonial do século XVII são retratadas na obra *Além do*

*rio*, de Agostinho Olavo (1957) que apresenta uma Medea brasileira, antiga rainha africana, que tudo abandona para seguir o comerciante de escravos, Jasão. E que por mais que ela promettesse a Jasão nunca mais fazer macumbas, carregava consigo, segundo a opinião de muitas lavadeiras, um histórico de maldades e feitiços espalhados pela comunidade composta por negros e brancos e desta forma todos a desprezavam.

O que Jasão não analisou, foi que, se por paixão Medea foi capaz de matar, então o que ela faria se um dia ele instigasse seu ódio? A resposta veio com essa clássica tragédia grega transposta para o Brasil no século XVII pelo carioca Agostinho Olavo.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Wilson F. Ribeiro. Feitiçaria e cultura africana no teatro de Agostinho Olavo. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. o, v. 10, p. 106-120, 2001.

KURY, Mário da Gama. Introdução. In: EURIPEDES. **Medeia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 11-15.

OLAVO, Agostinho. Além do rio (Medea). In: NASCIMENTO, Abdias (Org.). **Dramas para negros e prólogos para brancos: antologia de teatro negro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961. p. 199-231.

Teatro Experimental do Negro – TEN. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=cias\\_biografia&cd\\_verbete=649](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=cias_biografia&cd_verbete=649). Acesso em: 29 jun. 2014.

VERGER, Pierre F. **Lendas africanas dos orixás**. Trad. de Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Corrupio, 1997.